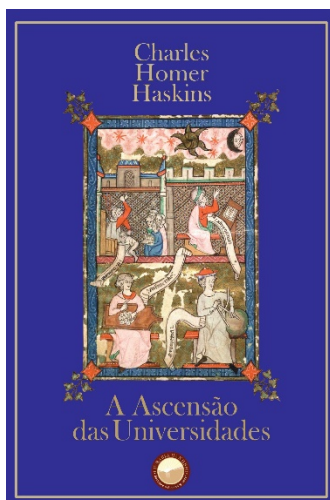


HASKINS, Charles Homer. *A ascensão das universidades*. Tradução e notas de Niton Robeiro. Balneário Camboriú, SC: Livraria Danúbio Editora, 2015. 119 páginas. ISBN: 978-85-67801-03-2

Por Roberto Cajaraville¹



A obra do medievalista Charles Homer Haskins, *A ascensão das universidades*, foi escrita por um dos grandes eruditos que dedicaram preciosos estudos sobre esta corporação fruto do Medievo e, apesar da grande crise de consciência existente, altamente relevante para o mundo contemporâneo. Haskins divide a obra em três conferências onde apresenta as primeiras universidades como instituições e simultaneamente como espaços intelectuais ante uma sociedade predominantemente iletrada, ao mesmo tempo descreve o cotidiano estudantil e docente, as práticas cerimoniais e o modo de aprender e ensinar.

“As primeiras universidades” é o título da primeira comunicação que discorre sobre a origem da instituição universitária nascida na Idade Média. O autor é enfático ao afirmar que a universidade medieval tornou-se uma instituição que certifica conhecimento, portanto diferente das academias filosóficas da Antiguidade onde não havia um programa fixo de estudos, muito menos a emissão de comprovantes. Neste capítulo, o autor destaca que a universidade não contava ainda com um espaço físico definitivo mantendo-se, portanto, itinerante.

Uma vez que a universidade é entendida como instituição, é chegado o momento de ela ser abordada na segunda parte como centro de produção de

¹ Editor geral da revista Aquinate.

conhecimento. Haskins apresenta os métodos de ensino, os cursos e o papel dos professores que, segundo Otto Maria Carpeaux, possuíam na Alemanha posição social equivalente a um ministro de Estado ou mesmo de um bispo. O *status* social de um professor de uma corporação universitária era altamente elevado em uma cidade, especialmente quando o novo mestre da corporação adquiria o título para lecionar e fazia as suas primeiras disputas acadêmicas. Nos cursos universitários, havia uma marca pessoal do professor à cátedra, conforme citado pelo autor o fascinante caso de Abelardo. Concluindo o capítulo, é demonstrado que os mestres medievais possuíam uma liberdade acadêmica para lecionar, desde que o conteúdo ministrado não se chocasse ou se “intromettessem excessivamente em assuntos teológicos” (Haskins, p.74).

A terceira conferência, “O estudante medieval”, descreve o cotidiano discente a partir de três categorias de fontes primárias garimpadas pelo autor, a saber: manuais dos estudantes, cartas dos estudantes e poesias dos estudantes. Esta documentação reunida pelo autor permite ao leitor conhecer tanto as dificuldades materiais dos discentes, os dilemas e os seus instrumentos de transgressão da ordem social como a poesia dos *goliardos* deixa evidente. É importante destacar, que o autor desfaz mitos sobre o medievo onde, com frequência, os sujeitos históricos desse período são julgados como fanáticos religiosos. Porém, ao examinar os escritos produzidos por esse grupo cabe destacar que são homens em seu tempo com todas as características inerentes ao espírito humano, que tem um limite tênue entre a ordem e a transgressão.

Finalmente, o autor encerra as conferências com a abordagem que vincula a alta qualidade do espaço intelectual com a elevação da qualidade moral do ambiente universitário onde o estudante dedicado, que quase não aparece nas fontes originais, é exaltado como portador das virtudes necessárias ao intelecto. Haskins compartilha a mesma ideia de Sertillanges que o intelectual não deve ser um indivíduo isolado do mundo, e sim pertencente a um meio social, a uma corporação dedicada à arte de ensinar e aprender: *a universitas societas magistrorum discipulorumque*.